

A DIMENSÃO ARGUMENTATIVA POR MEIO DAS MACROPROPOSIÇÕES SEQUENCIAIS NO CONTO *SOLAR DOS PRÍNCIPES*, DE MARCELINO FREIRE

Edmar Ferreira de Matos¹

Doutorando em Língua Portuguesa pela PUC-SP

Eduardo de Souza Moreira²

Doutorando em Língua Portuguesa pela PUC-SP

RESUMO

Este artigo tem como tema o estudo da dimensão argumentativa e das sequências textuais no conto *Solar dos Príncipes*, de Marcelino Freire, e tem como objetivo examinar as macroproposições sequenciais como recurso para atingir a dimensão argumentativa. Para isso, analisaremos as sequências textuais à luz da Análise Textual dos Discursos no conto freiriano, conforme proposto por Jean-Michel Adam (2011, 2019). Justificamos nossa escolha pelo texto por problematizar as condições de vivência periférica e por apresentar a maioria das macroproposições abordadas por Adam. Os resultados da análise revelam que o texto freiriano apresenta uma materialidade textual cuja estrutura composicional se dá por meio de sequências que apontam para uma dimensão argumentativa de denúncia contra os estereótipos associados à classe periférica.

Palavras-chave: Sequências textuais. Dimensão argumentativa. Macroproposição.

ABSTRACT

This article has as its theme the study of the argumentative dimension and the textual sequences in the short story *Solar dos Príncipes*, by Marcelino Freire, and aims to examine the sequential macro-propositions as a resource to reach the argumentative dimension. For this, we will analyze the textual sequences in the light of Textual Analysis of Discourses in the Freirian short story, as proposed by Jean-Michel Adam (2011, 2019). We justified our choice of text because it problematizes the conditions of peripheral living and because it presents most of the macro-propositions addressed by Adam. The results of the analysis reveal that Freire's text presents a textual materiality whose compositional structure takes place through sequences that point to an argumentative dimension of denunciation against the peripheral class.

Keywords: Textual sequences. Argumentative dimension. Macro-proposition.

Considerações iniciais

O conto é uma herança da tradição oral pertencente a todos os povos, sendo considerado uma das mais antigas formas de expressão da literatura. Ao longo dos tempos, essa forma de transmissão encontrou maneiras de serem registradas. Desde então, o conto ganhou uma

¹ Endereço eletrônico: edmarfmatos@gmail.com. Bolsista da CAPES.

² Endereço eletrônico: edusouma@gmail.com. Bolsista do CNPq – Brasil (nº do processo 140150/2020-0).

dimensão mais ampla, variando desde a sua linguagem mais elevada a elementos de ordem estrutural. Este gênero textual está presente no cotidiano social e, em relação à extensão, ele é curto, se comparado a um romance ou a uma novela, além de possuir uma quantidade limitada de personagens. Por ser produzido à luz das situações cotidianas, viabiliza uma leitura dinâmica, com predominância de sequências textuais narrativas.

À guisa de informação, no presente artigo, examinamos a orientação argumentativa, considerando as macroproposições sequenciais propostas por Jean-Michel Adam (2011, 2019) como mecanismos que guiam a uma tomada de posição do locutor/enunciador diante do que se materializa no texto. Nessas condições, situamo-nos na perspectiva sociocognitiva-interacional da Linguística Textual, a fim de examinar as macroproposições sequenciais como recurso para atingir a dimensão argumentativa.

Este trabalho busca responder de que maneira as sequências textuais, enquanto macroproposições de sentido, podem apontar para uma dimensão argumentativa no conto Solar dos Príncipes, de Marcelino Freire? E, para respondê-la, dispomo-nos de uma metodologia analítico-bibliográfica. Nosso objetivo específico é identificar a(s) sequência(s) recorrente(s) e como ocorre a construção da dimensão argumentativa no conto em questão. Justificamos nossa escolha pelo conto supracitado por problematizar as condições de vivência periférica e por identificarmos, no texto, a maioria das macroproposições abordadas por Jean-Michel Adam (2011, 2019).

Assim, para o desenvolvimento deste estudo, o presente artigo está organizado da seguinte maneira: a priori, faremos a distinção entre visada argumentativa e dimensão argumentativa (AMOSSY, 2018); a posteriori, abordaremos as macroproposições sequenciais de Adam (2011, 2019); e, por fim, seguiremos com a análise do conto Solar dos Príncipes e as considerações finais.

A persuasão como forma explícita e implícita nos textos: Visada argumentativa e dimensão argumentativa

Adam (2009) observa que o texto é heterogêneo, tornando, assim, difícil circunscrevê-lo a uma definição estrita. Segundo o autor, “as formas narrativas, por exemplo, são, no mínimo, tão variadas quanto as formas argumentativas” (ADAM, 2009, p. 117). Diante dessa complexidade, o estudioso propõe uma abordagem que engloba a Análise Textual dos

Discursos, considerando tanto a interação sociodiscursiva quanto a estruturação linguístico-textual.

A análise sociodiscursiva, por um lado, concentra-se na interação social presente no discurso, levando em conta fatores como o contexto, as relações de poder, as intenções comunicativas e os efeitos produzidos pelo discurso. Essa abordagem procura compreender como os discursos são moldados pelas práticas sociais, ideologias e valores dominantes, além de investigar como as relações de poder se refletem no discurso.

Por outro lado, a análise textual concentra-se na estruturação linguístico-textual do discurso examinando elementos como: a organização textual, a coesão, a coerência, os recursos retóricos e a construção argumentativa. Essa abordagem busca compreender como os elementos linguísticos são utilizados para construir significados, argumentos e efeitos persuasivos no texto.

Em se tratando de argumentação, há uma problemática instaurada tanto do ponto de vista textual quanto discursivo, uma vez que, para Amossy (2018, p. 42): “todo enunciado confirma, refuta, problematiza posições anteriores”. Isto implica dizer que em diferentes graus, todos os textos possuem algum aspecto argumentativo. Essa visão, reconhece que os textos são construídos com a intenção de influenciar ou persuadir o leitor de alguma forma, mesmo que não seja de maneira explícita.

De acordo com Plantin (2008), a argumentação é entendida como um processo comunicativo no qual ocorre uma troca de discursos que expressam oposições. Desse modo, a argumentação não se restringe a simples exposição de ideias e opiniões, mas envolve uma dinâmica interativa na qual diferentes posições são apresentadas e debatidas.

Concordamos com Amossy (2011) ao reverberar que a argumentação é um pressuposto enunciativo em que o locutor busca influenciar o ouvinte por meio do uso da linguagem. A estudiosa destaca o intercâmbio verbal fundamentado em um jogo de influências mútuas e na tentativa mais ou menos consciente e reconhecida de utilizar a fala para agir sobre o outro. Essa perspectiva destaca que a comunicação verbal não é apenas uma transmissão unilateral de informações, mas envolve uma interação ativa entre os interlocutores.

Em seus estudos, Amossy (2018, p. 43) demonstra que “a argumentatividade de um texto pode ser considerada como inerente ao discurso”, conseqüentemente todo discurso resguarda uma dimensão argumentativa, independentemente da intenção do locutor. Daí a importância de diferenciar a visada argumentativa e a dimensão argumentativa. Para a pesquisadora, tal distinção evita confusões a respeito dos discursos com intenção explícita de

persuasão e dos discursos em que essa intenção não esteja evidente. Assim, a linguagem e o discurso têm uma finalidade comunicativa intrinsecamente ligada à interação humana, pois mesmo quando um texto não apresenta uma intenção explícita de persuasão, é possível que ele contenha elementos argumentativos visando a influenciar o leitor ou ouvinte, moldando suas perspectivas e entendimentos.

Na visão de Amossy (2018), quando um discurso busca explicitamente persuadir, diz-se que há uma visada argumentativa. Nesse tipo de discurso, a intenção é fazer com que o público adira a uma tese específica e o uso da palavra esteja diretamente relacionado à questão da eficácia. Neste sentido, a visada argumentativa refere-se à intenção explícita do locutor em persuadir, convencer ou levar o ouvinte a aderir a uma determinada tese, posição ou ponto de vista. Em suma, o discurso é claramente orientado para a argumentação e busca influenciar o público de maneira direta e deliberada.

Em contrapartida, segundo Amossy (2018), a dimensão argumentativa diz respeito à presença de elementos argumentativos no discurso, mesmo que a intenção de persuadir não seja explícita. Aqui, o discurso pode não ter uma visada argumentativa evidente, mas, ainda assim, contém aspectos que buscam influenciar a forma como os outros veem determinados assuntos. Essa dimensão argumentativa pode se manifestar na forma de estratégias retóricas, escolha de palavras, estrutura do texto e outras técnicas persuasivas.

A compreensão da dimensão argumentativa permite-nos ir além da superfície do texto e explorar as intenções do autor, os pontos de vista apresentados e as implicações da argumentação no contexto em que o texto está inserido. Dessa forma, estamos abertos a uma leitura mais crítica que busca compreender não apenas o conteúdo explícito, mas também as estratégias persuasivas subjacentes, permitindo-nos uma melhor apreensão da complexidade textual e das diferentes formas como os discursos se constroem e se relacionam.

Uma breve compreensão das macroproposições sequenciais

Do ponto de vista composicional e estabelecendo uma analogia com um quebra-cabeças, constata-se que todo texto se constitui por múltiplas peças, as quais se unem para formar uma unidade. Essas partes que se encaixam estão relacionadas ao sentido, em uma dimensão de ordem semântica e não precisamente de ordem sintática. Nessa condição, o sentido pode ser manifestado por um segmento de uma frase ou de um trecho que o transcende. Em seus estudos, Jean-Michel Adam acunhou o termo macroproposição para referir-se às proposições de sentido, sendo composto por unidades maiores: as sequências textuais. Assim, nas palavras do autor:

As sequências são unidades textuais complexas, compostas de um número definido de blocos de proposições de base, as macroproposições. Essas macroproposições são unidades ligadas a outras macroproposições do mesmo tipo e ocupam posições precisas dentro do todo ordenado da sequência. Cada macroproposição toma seu próprio significado apenas em relação a outras macroproposições, na unidade semântica complexa da sequência (ADAM, 2019, p. 46).

Sob esse aspecto, evidencia-se que o que torna uma sequência textual não é apenas um conjunto de frases/enunciados, mas as proposições lógico-semânticas que são enunciadas por um locutor em um ato comunicativo, levando em consideração o plano de texto. Nesse sentido, os termos proposições lógico-semânticas referem-se às ideias, às informações ou às afirmações apresentadas pelo locutor em um texto, as quais têm uma conexão lógica e um significado semântico. É por meio dessas proposições que o texto adquire coerência, sentido e relevância. Já o plano de texto diz respeito à estrutura global do texto, ou seja, a maneira como as diferentes partes do texto se relacionam e se organizam para formar um todo dotado de sentido.

Nesta perspectiva, o texto, enquanto construção composta por “peças” que se incorporam para ganhar uma unidade, organiza-se em macroproposições que, conforme Adam (2011), compõem-se de sequências textuais as quais denominam por *descritivas, narrativas, argumentativas, explicativas e dialogais*.

A unidade mínima de uma sequência é uma proposição e o texto é um construto heterogêneo de proposições. Cavalcante *et al.* (2022, p. 203) complementam que “os textos não comportam somente uma sequência textual, mas uma ‘mistura’ delas. Muitas vezes, é possível, no entanto, identificar uma sequência dominante em relação à composição em sequências”. Em linhas gerais, todo texto possui uma heterogeneidade composicional na qual há uma mistura de sequências.

Essa heterogeneidade composicional ocorre porque os textos frequentemente têm objetivos comunicativos complexos. Eles podem fornecer informações, apresentar uma história, argumentar a favor de uma posição, explicar um conceito e até mesmo incorporar elementos de diálogo.

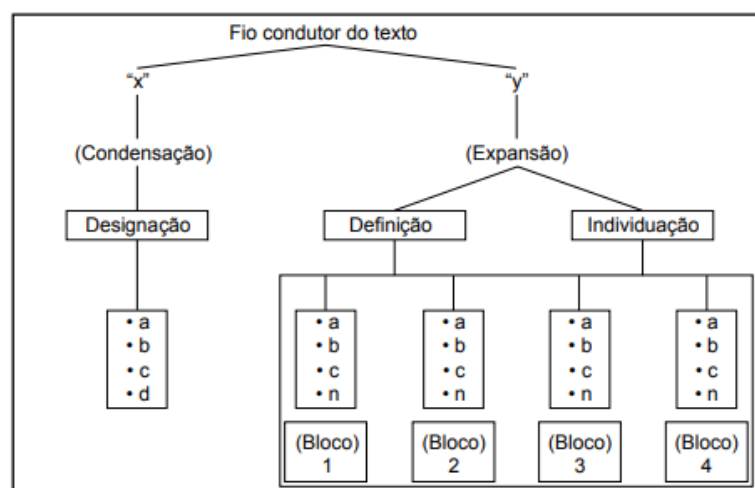
A Sequência Descritiva

As sequências descritivas são determinadas pela apresentação da imagem de um determinado conteúdo (pessoa, objeto, coisa, conceito, situação, cena, espaço, ser, etc.). Para Marquesi, Elias e Cabral (2017, p.18), “a sequência textual descritiva está presente na grande diversidade de textos que lemos diariamente, desde um romance, um poema, até as notícias de

um jornal, em publicidades. [...] é difícil imaginar um texto que não contenha elementos de descrição”.

Marquesi (2004) define três categorias, a fim de esquematizar os processos da descrição: *designação, definição e individuação*. A primeira categoria diz respeito a nomear, tornar a conhecer o que é descrito; a segunda compreende a determinar os limites ou extensão de enunciar os atributos essenciais, a fim de distingui-lo de outros e, o terceiro destina-se a especificar, particularizar e tornar individual, dando ao objeto descrito uma existência singular determinada pelo tempo e espaço. No plano de texto, a escolha do léxico orienta o sentido a qual o produtor espera alcançar, trazendo também uma orientação argumentativa. A seguir o esquema apresentado por Marquesi (2004, p.114):

A seqüência descritiva



(MARQUESI, 2004, p.114)

Por sua vez, Adam (2011) aponta algumas operações de descrição: 1. **Operações de tematização** que correspondem à descrição mais básica, pois consistem em nomear um referente e em atribuir-lhe uma predicação; 2. **Operações de aspectualização** consistem em dividir o todo em partes (fragmentação) e em eleger as propriedades do todo a serem focalizadas (qualificação); 3. **Operações de relação** abrangem o estabelecimento da relação de aproximação temporal ou espacial e da relação por analogia; 4. **Operações de expansão por subtematização** que ocorrem quando, ao descrever um objeto de discurso, um outro objeto passa a ser ponto de partida para um novo procedimento de aspectualização (ou de qualificação do todo ou de suas partes) e/ou situacionalização.

A Sequência Narrativa

As sequências narrativas recorrem a elementos que correspondam à apresentação de uma sucessão de acontecimentos em um determinado tempo. Nessa direção, Adam (2011)



desenvolve o esquema abaixo da estrutura da sequência narrativa o qual possui uma estrutura hierárquica constituída por cinco macroproposições: Situação Inicial (antes do processo); Nó (início do processo); Re-ação ou Avaliação (o curso do processo); Desenlace (o fim do processo) e Situação Final (depois do processo). O esquema a seguir evidencia essas cinco macroproposições:

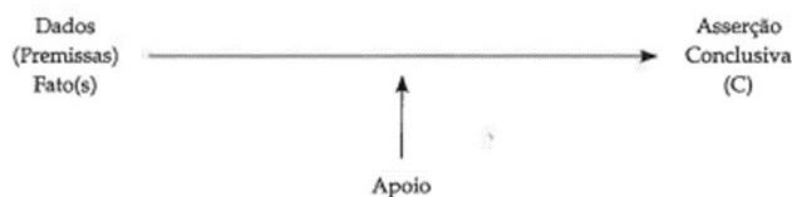
(ADAM, 2011, p. 226)

A Sequência Argumentativa

As sequências argumentativas possuem um propósito de argumentar em torno de uma tese, isto é, são sequências textuais organizadas de forma a expor um ponto de vista, uma opinião que o locutor/enunciador defenderá apoiado em dados comprobatórios. A despeito disso, Cavalcante et al. (2022, p. 212-213) postula:

Uma sequência textual argumentativa prototípica apresenta, basicamente, um encadeamento entre premissas, argumentos e conclusão. As premissas são proposições sobre um fato/dado, apresentado pelo locutor/ enunciador para servir de ponto para a argumentação. A partir dessas premissas, o locutor/enunciador seleciona e hierarquiza dados que servem de argumentos que, por sua vez, embasam o ponto de vista que realmente pretende sustentar.

Para Adam (2011, p. 233), a sequência argumentativa põe em evidência dois movimentos: “**demonstrar-justificar** uma tese e **refutar** uma tese ou certos argumentos de

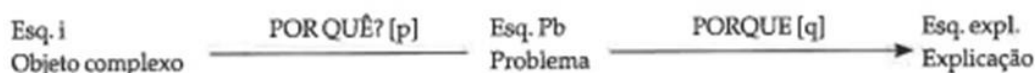


uma tese adversa”³. Ambos os movimentos são realizados de igual modo, visto que, partem de uma premissa (dados, fatos) que só é admitida por conta de uma conclusão-asserção. Entre a passagem da premissa e a conclusão há os procedimentos argumentativos que exercem o apoio/suporte para a o encadeamento de argumentos-prova ou de microcadeias de argumentos. Desse modo, esquematiza o autor:

(ADAM, 2011, p. 233)

A Sequência Explicativa

Integrando as sequências textuais desenvolvidas por Jean-Michel Adam (2011), as sequências explicativas se apresentam como estrutura sequencial de base, na qual há um operador [POR QUÊ?] que instaura a primeira macroproposição obrigatória (Proposição explicativa 1), e um segundo operador [PORQUE] o qual conduz à segunda macroproposição obrigatória (Proposição explicativa 2) e assim subsequentemente.



(ADAM, 2011, p. 244)

De acordo com o esquema acima:

a esquematização inicial (Esq. i) é frequentemente subentendida, dois tipos de POR QUÊ? Devem ser considerados: os que retomam um elemento anterior e reesquematizam o problema colocado, e os que, não dispondo de cotexto anterior, realizam, diretamente essa esquematização do problema (POR QUE p?), muitas vezes por meio de pseudoquestões (ADAM, 2011, p. 244).

O funcionamento mínimo da explicação é evidente em segmentos textuais menores e pela forma de enunciados com verbos no tempo presente em que há uma combinação do SE (introduz um problema) com É QUE, É PORQUE ou É POR ISSO (QUE) (introduzem uma explicação). Desse modo, a explicação tem como objetivo responder a por que ou como algo se dá, partindo de um problema para elucidá-lo.

³ Grifos do autor.

Ainda sobre as diversas combinações para a estruturação das sequências explicativas, Marquesi, Elias e Cabral (2017) sintetizam as possibilidades apresentadas por Adam (2011):

SE p, É PORQUE q;
SE p, É PARA QUE q;
SE p, É EM RAZÃO DE q;
SE p, É QUE.

(MARQUESI, ELIAS, CABRAL, 2017, p. 22)

Além de apresentarem uma estrutura retroativa:

É PORQUE/PARA q, QUE p.

(MARQUESI, ELIAS, CABRAL, 2017, p. 22)

A Sequência Dialogal

A quinta sequência textual postulada por Adam (2011), as sequências dialogais são consideradas aparentemente menos estruturadas em relação ao modo de composição, isso se dá em decorrência de sua definição poligerida. O que caracteriza essa sequência é a sua estrutura hierarquizada de sequências, conhecidas como trocas de turno de fala. Dessa maneira, existe sempre mais de um locutor. Vejamos o esquema a seguir:



(ADAM, 2011, p. 250)

No esquema apresentado por Adam (2011), a sequência dialogal se estrutura por sequências fáticas de abertura e de fechamento, geralmente por meio de expressões fáticas típicas, e por sequências transacionais das quais constituem o corpo da interação, em outras palavras, a troca de falas entre os interlocutores.

Ao apresentarmos as sequências textuais, percebemos como elas podem colaborar para compreender a estrutura e a organização de um texto, além de permitir a identificação dos propósitos comunicativos e dos recursos linguísticos utilizados em cada tipo de sequência. Por

meio da análise das diferentes sequências textuais, podemos explorar mais profundamente suas relações e como elas contribuem para a coerência e coesão global do texto. Partindo desse princípio, vejamos a análise do conto Solar dos príncipes, de Marcelino Freire.

Análise do *Corpus*

	SOLAR DOS PRÍNCIPES	ANÁLISE
Situação Inicial	<p><u>Quatro negros e uma negra pararam na frente deste prédio.</u></p> <p><u>A primeira mensagem do porteiro foi</u> “Meu Deus!” <u>A segunda:</u> “O que vocês querem?” ou “Qual o apartamento?” Ou “Por que ainda não consertaram o elevador de serviço?”</p> <p>“Estamos fazendo um filme”, <u>respondemos.</u></p> <p><u>Caroline argumentou:</u> “Um documentário”. <u>Sei lá o que é isso, sei lá, não sei. A gente mostra o documento de identidade de cada um e pronto.</u></p> <p>“Estamos filmando”.</p> <p>Filmando? Ladrão é assim quando quer sequestrar. Acompanha o dia a dia, costumes, a que horas a vítima sai para trabalhar. O prédio tem gerente de banco, médico, advogado. Menos o síndico. O síndico nunca está.</p>	<p>O recorte apresenta sequências textuais narrativas (sublinhadas) imbricadas com as sequências dialogais (entre aspas). Tais sequências descrevem as ações numa ordem que conduz à tensão.</p> <p>No texto, reconhecemos uma dimensão social que corrobora com uma tomada de posição de discriminação social e racial, nas falas do porteiro: “Meu Deus”; “O que vocês querem?” e “Por que ainda não consertaram o elevador de serviço?” orienta a sua argumentação para um efeito discriminatório e de superioridade em relação às pessoas que ali desejam conhecer os moradores. Ademais, o fluxo de consciência contido no trecho: “Ladrão é assim quando quer sequestrar. Acompanha o dia a dia, costumes, a que horas a vítima sai para trabalhar. O prédio tem gerente de banco, médico, advogado. Menos o síndico. O síndico nunca está.”</p>

N ^o	<p>- De onde vocês são? - Do Morro do Pavão. - Viemos gravar um longa-metragem. - Metra o quê? Metralhadora, cano longo, granada, os negros armados até as gengivas. Não disse? Vou correr. Nordestino é homem. Porteiro é homem ou não é homem? <u>Caroline dialogou:</u> “A ideia é entrar num apartamento do prédio, de supetão, e filmar, fazer uma entrevista com o morador.” <u>O porteiro:</u> “Entrar num apartamento?” <u>O porteiro:</u> “Não.” O pensamento: “Tô fudido”. <u>A ideia foi minha, confesso. O pessoal vive subindo o morro para fazer filme. A gente abre as nossas portas, mostra as nossas panelas, merda.</u> <u>Foi assim: comprei uma câmera de terceira mão, marcamos, ensaiamos uns dias. Imagens exclusivas, colhidas na vida da classe média.</u> <u>Caroline:</u> “Querido, por favor, meu amor.” <u>Caroline mostrou o microfone de longe.</u> <u>Acenou com o batom, não sei.</u> <u>Vou bem levar paulada de microfone? O microfone veio emprestado de um pai-de-santo que patrocinou.</u></p>	<p>Neste recorte, vemos a identificação da localização onde residem os visitantes: Morro do Pavão – uma comunidade carente que pela caracterização estereotipada dada pelo porteiro parece um local perigoso. As sequências descritivas em negrito parecem integrar os diálogos num imbricamento de sequências levando a uma dimensão argumentativa de preconceito como se o nordestino não fosse gente.</p> <p>Observamos, também, ser desvelada a discriminação do porteiro ao saber que os supostos visitantes pertencem à periferia por meio das sequências dialogais “- De onde vocês são?”, “- Do Morro do Pavão”, “Viemos gravar um longa-metragem” e “- Metra o quê? Metralhadora, cano longo, granada, os negros armados até as gengivas. Não disse? Vou correr”. Tais escolhas lexicais produzem uma dimensão argumentativa que parte da tese de que moradores da periferia vivenciam a violência escancarada e em decorrência disso também são agressivos.</p> <p>No trecho destacado em negrito, há um falso silogismo que contribui para um posicionamento argumentativo do autor com a intencionalidade de persuadi-lo pelo raciocínio.</p>
----------------	---	---

Re-ação ou Avaliação	<p><u>O porteiro apertou o apartamento 101, 102, 108. Foi mexendo em tudo que é andar.</u> Estou sendo assaltado, pressionado, liguem para o 190, sei lá. A graça era ninguém ser avisado. Perde-se a espontaneidade do depoimento. O condômino falar como é viver com carros na garagem, saldo, piscina, computador interligado. Dinheiro e sucesso. Festival de Brasília. Festival de Gramado. A gente fazendo exibição no telão da escola, no salão de festas do prédio.</p> <p>Não.</p> <p>A gente não só ouve samba. Não só ouve bala. Esse porteiro nem parece preto, deixando a gente preso do lado de fora. O morro tá lá, aberto 24 horas. A gente dá as boas-vindas de peito aberto. Os malandrões entram, tocam no nosso passado. A gente se abre que nem passarinho manso. A gente desabafa que nem papagaio. A gente canta, rebola. A gente oferece a nossa coca-cola.</p>	<p>Neste trecho, tem-se a reação do porteiro ao saber que os visitantes queriam entrar no condomínio para filmar a rotina dos moradores. Desse modo, a reação que este faz é o de solicitar ajuda aos próprios condôminos, pois estariam sendo alvo de assalto. Aqui (com exceção da parte sublinhada) temos como se fosse um monólogo narrativo em que se engendra um posicionamento de inconformismo pela não permissão do porteiro em ver como os moradores vivem.</p> <p>Verificamos a presença da sequência textual narrativa como nos trechos sublinhados e das sequências descritivas em negrito que nos retratam a forma de viver e de recepção por parte dos moradores do Morro do Pavão, sendo mais receptivos e atenciosos que os do condomínio. Dessa maneira, as sequências descritivas orientam de forma argumentativa contrária ao que pensa e acha o porteiro do prédio.</p>
-----------------------------	---	--

Desenlace	<p>Não quer deixar a gente estrear a porra do porteiro. É foda. Domingo, hoje é domingo. A gente só quer saber como a família almoça. Se fazem a mesma festa da nossa. Prato, feijoada, guardanapo. Caralho, não precisa de síndico. Escute só. A gente vai tirar a câmera do saco. A gente mostra que é da paz, que a gente só quer melhorar, assim, o nosso cartaz. Fazer cinema. Cinema.</p> <p>Veja Fernanda Montenegro quase ganha o Oscar. - Fernanda Montenegro não, aqui ela não mora. E avisou: “Vou chamar a polícia.” (A partir daqui, eles criaram o novo final)</p> <p>A gente: “Chamar a polícia?”</p>	<p>Aqui, vemos a predominância da sequência narrativa imbricada nas sequências dialogais que estão marcadas no texto pelas aspas visando a um propósito comunicativo que revela a intenção do autor de tentar melhorar de vida e fazer cinema, além de ser reconhecido como uma celebridade. Nessa marcação, a dimensão argumentativa acontece também por meio de sequências explicativas, em negrito, na tentativa de explicar o motivo de estarem ali – gravar um filme.</p>
Situação Final	<p>Não tem quem goste de polícia. A gente não quer esse tipo de notícia. O esquema foi todo montado num puta sacrifício. Nicholson deixou de ir vender churros. Caroline desistiu da boate. Eu deixei esposa, cadela e filho. Um longa não, é só um curta. Alegria de pobre é dura. Filma. O quê? Dei a ordem: filma.</p> <p>Começamos a filmar tudo. <u>Alguns moradores posando a cara na sacada. O trânsito que transita. A sirene da polícia. Hã? A sirene da polícia. Todo filme tem sirene de polícia. E tiro. Muito tiro.</u></p> <p><u>Em câmera violenta. Porra Johnattan pulou o portão de ferro fundido. O porteiro trancou-se no vidro. Assustador. Apareceu gente todo tipo. E a ideia não era essa. Tivemos que improvisar.</u></p> <p>Sem problema, tudo bem.</p> <p>Na edição a gente manda cortar.</p>	<p>Neste último recorte, há um imbricamento das sequências narrativas e descritivas (sublinhadas) por meio da caracterização das ações que são desencadeadas e o desfecho do conto é a gravação de uma cena de violência na porta do condomínio: a perseguição da polícia contra os moradores do Morro do Pavão. Eles que queriam estar atrás das câmeras, no entanto, são expostos às lentes e protagonizam toda a opressão.</p>

Considerações finais

O estudo teórico-metodológico desenvolvido neste artigo possui caráter propositivo e pretende contribuir de alguma maneira para as discussões da Linguística Textual e da Análise Textual dos Discursos. Consideramos ter atingido o nosso objetivo aqui delimitado. De acordo com a análise realizada, o conto Solar dos príncipes, de Marcelino Freire, revela que sua materialidade textual, cuja estrutura composicional se dá por meio das sequências narrativas, descritivas e dialogais que apontam para uma dimensão argumentativa de denúncia contra a classe periférica de forma preconceituosa, uma vez que os visitantes eram negros, moradores do Morro do Pavão e desejaram entrar no condomínio para filmar a rotina de um domingo dos condôminos de classe média.

Concluimos que a dimensão argumentativa é marcada predominantemente por elementos que marcam a primeira pessoa e o texto é construído, sobretudo, pelo imbricamento das sequências narrativas, descritivas e dialogais que marcam o posicionamento do enunciador/locutor diante das questões sociais da vida periférica. A análise das sequências textuais, considerando a dimensão argumentativa, demonstra ser uma ferramenta importante para explorar a estrutura do texto, além de aprimorar nossa capacidade de interpretar e analisar criticamente os textos que encontramos em diferentes contextos. Lidar com esses aspectos composicionais das sequências relacionando-os com a modalidade argumentativa pode contribuir para as pesquisas em Linguística Textual e a Análise Textual dos Discursos.

Referências

ADAM, Jean-Michel. Quadro teórico de uma tipologia sequencial. In: BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (Org.). **Gêneros e sequências textuais**. Recife: Edupe, 2009. p. 115-132.

_____. **A Linguística Textual**: introdução à análise textual dos discursos. Trad. Maria das Graças Soares Rodrigues et al. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Textos**: tipos e protótipos. Tradução: Mônica Magalhães Cavalcante et al. São Paulo: Contexto, 2019.

AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.

_____. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Trad. Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, jun./nov. 2011.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães et al. **Linguística Textual: conceitos e aplicações**. Campinas: Pontes, 2022.

FREIRE, Marcelino. **Contos negreiros**. Rio de Janeiro: Record, 2015, p. 21-27.

MARQUESI, Sueli Cristina. **A organização do texto descritivo em língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____.; ELIAS, Vanda Maria da Silva; CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. Planos de texto, sequências textuais e orientação argumentativa. In: Marquesi, Sueli Cristina; PAULIUKONIS, Aparecida Lino; ELIAS, Vanda Maria (Orgs.). **Linguística Textual e ensino**. São Paulo: Contexto, 2017, p. 13-32.

PLANTIN, Christian. **A argumentação: história, teorias, perspectivas**. São Paulo: Parábola, 2008.